

Em defesa das trabalhadoras de Enfermagem e do Sistema Único de Saúde

Nós, trabalhadoras de enfermagem do município de São Paulo, docentes, pesquisadoras e ativistas em defesa do Sistema Único de Saúde conclamamos as agências de saúde nacionais e internacionais, instituições de saúde e de ensino, entidades de classe, gestores e agentes públicos, sociedade civil, bem como os demais trabalhadores da saúde, para o enfrentamento das condições de trabalho que estão na base do adoecimento e morte de um número alarmante de profissionais de enfermagem no contexto da pandemia de COVID-19 no país.

A enfermagem é uma área de saberes e práticas próprios, voltados ao cuidado em saúde; é uma prática social, a serviço da população brasileira, constituída por enfermeiras, técnicas, auxiliares de enfermagem e obstetizes, que representam aproximadamente 60% dos profissionais do setor saúde, e que realizam um conjunto diversificado de ações de cuidado, em todas as fases do ciclo de vida, nos mais diversos territórios e serviços, em todos os âmbitos de atenção do sistema de saúde.

No Brasil, segundo dados do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), de dezembro de 2020, eram mais de dois milhões as trabalhadoras de enfermagem, 25% no estado de São Paulo e, destas, 31,5% no município de SP.

Numericamente majoritária na área da saúde, a profissão, com suas categorias, é historicamente desvalorizada, marcada pela divisão social do trabalho, de classe, de gênero e de raça. No Brasil é uma profissão majoritariamente exercida por mulheres e por trabalhadoras de nível médio.

As difíceis condições de trabalho da enfermagem também são consequência da adoção plena pelo Estado brasileiro da perspectiva neoliberal, que acarretaram aumento das desigualdades, concentração de renda e pobreza. A flexibilização das leis trabalhistas e o desmantelamento do sistema de proteção ao trabalhador intensificaram o contexto já preocupante em 2013, no qual um terço das enfermeiras tinha mais de um vínculo empregatício, 41,5% trabalhava mais do que 40 horas semanais e 71,7% referia desgaste na atividade profissional.

A admissão das Organizações Sociais (OS) para a gestão dos serviços de saúde públicos ampliou a flexibilização dos contratos de trabalho e introduziu situações de assédio, motivadas por cobranças de metas quantitativas abusivas e arbitrarias.

As condições de trabalho da enfermagem são ainda mais desgastantes diante do mecanismo crônico, utilizado nos serviços de saúde, de subdimensionamento de pessoal, que acarreta sobrecarga física e mental, o que pode ocasionar erros, acidentes e adoecimento.

Quando a pandemia chegou no Brasil, encontrou o SUS fragilizado pela adoção das políticas neoliberais, notadamente o subfinanciamento crônico, agravado pela EC 95/2016, que determinou o congelamento dos gastos públicos por 20 anos. A pandemia fez emergir de forma abrupta e violenta as fragilidades de serviços públicos, que se encontravam no limite de sua capacidade de funcionamento, bem como evidenciou o abandono em que se encontravam os trabalhadores, em particular as de enfermagem, que representavam e ainda representam seu maior contingente.

No contexto da pandemia, a essas condições já desgastantes, foram acrescentados o medo, a insegurança, a pressão nos locais de trabalho, a redução de profissionais em decorrência de afastamento de trabalhadoras por adoecimento, o que aumentou a sobrecarga de trabalho e o acúmulo de tarefas, com o agravante da disponibilidade de equipamentos de proteção individual (EPIs) em quantidade ou qualidade insuficientes para dar segurança às trabalhadoras. Há relatos de trabalhadoras de enfermagem que passaram a dormir nos seus veículos particulares, na laje da residência ou em imóveis alugados separadamente da família, e de sofrimento psíquico diante do medo e do sentimento de culpa pela ameaça de infectar familiares e pessoas com quem estabelece contato.

Diante da pandemia, observa-se o agravamento do crônico desgaste físico e mental da enfermagem, nos serviços de Atenção Básica (AB), especializada e hospitalar.

Na AB as trabalhadoras de enfermagem (auxiliares, técnicas de enfermagem e enfermeiras) executam um amplo leque de atividades de promoção, prevenção de agravos e riscos e recuperação da saúde. Dentre estas, tem destaque a responsabilidade da enfermagem pela efetivação das atividades relacionadas à imunização, vigilância à saúde, educação em saúde, atividades em domicílios e em outras instituições no território, gerenciamento de materiais, gestão do cuidado e gestão da unidade, que evidenciam a ampliação e a complexidade do trabalho de enfermagem, também neste âmbito da atenção.

O cotidiano desse trabalho implica também considerar os aspectos decorrentes da situação social precária dos usuários das UBSs, submetidos ao desamparo do Estado, integrando-os ao cuidado. No entanto, as trabalhadoras deparam-se com a crônica ausência de recursos; o número excessivo de famílias por equipe, frequentemente incompleta; a organização do trabalho que reduz as trabalhadoras a meras executoras de tarefas, para cumprir as múltiplas atividades não planejadas e não concernentes à função; e com a injustiça, diante das significativas diferenças salariais em comparação aos profissionais médicos.

Decorridos 11 meses de pandemia da COVID-19 no país, permanecemos ocupando a primeira posição entre os países que mais matam profissionais de enfermagem no mundo, alcançando a triste proporção de 1/3 dessas mortes.

É possível concluir, diante do panorama atual, que campanhas de valorização da enfermagem veiculadas por entidades representativas da enfermagem foram limitadas e ineficazes até aqui, pois as trabalhadoras de enfermagem continuam sendo infectadas, com número crescente de perdas de vida em consequência das condições do trabalho. Nos últimos meses foram 46 mil casos reportados, 506 óbitos, 176 (34%) deles na região Sudeste, com registro de maior número de infectados e mortos do país nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Diante da publicação e do desenvolvimento do plano de vacinação contra a COVID-19, com início imediato e continuidade ao longo do ano, a sobrecarga das trabalhadoras de enfermagem será ainda mais potencializada, tanto pela intensificação do ritmo já extraordinário e preocupante de trabalho, quanto pela exposição a possíveis agressões por parte dos usuários, insatisfeitos com dificuldades previsíveis numa campanha dessa dimensão, em que é possível se antever filas de espera e intercorrências de várias ordens - falta de material ou de vacinas, de profissionais, entre outras.

Para agravar, não se tem informações sobre contratação de profissionais de enfermagem para suprir os afastamentos, aliviar a exaustão das trabalhadoras e realizar a campanha de vacinação contra COVID-19, que prevê o funcionamento das Unidades em horário estendido, em postos satélites, escolas e em outros espaços nos territórios. Portanto, num contexto de trabalho em que a maioria absoluta das profissionais teve suas jornadas estendidas, acumularam horas excedentes e algumas tiveram as férias suspensas em 2020, é mais do que previsível que as trabalhadoras da enfermagem na AB serão fortemente impactadas.

Proposições

- É impreterível denunciar essas condições crônicas de trabalho, desprotetoras e insalubres, e exigir medidas coletivas de proteção como: **contratação emergencial de trabalhadoras de enfermagem**; planejamento coletivo do trabalho, para que a organização do trabalho não fique à mercê da demanda e do ocasional; respeito ao número de horas contratadas para o trabalho diário na atenção básica (8h/dia); supervisão técnica, apoio psicológico às equipes e garantia de educação permanente, com capacitação para vacinação; garantia de máscaras descartáveis para a população na entrada do serviço; garantia de espaço físico adequado para a realização da vacinação, com disponibilidade de lavatórios para higienização das mãos e respeito às

demais normas de biossegurança; garantia de segurança das trabalhadoras, inclusive em ambientes externos, frente ao volume e à pressão da população por realização de testes, da vacinação e de outros procedimentos.

- Participação de trabalhadores da Unidade Básica de Saúde (UBS) na discussão, identificação dos problemas particulares de cada UBS, para a formulação de propostas de enfrentamento e monitoramento, em processo conjunto com a gestão pública.
- Articulação com as entidades de classe; denúncia à imprensa e sociedade civil organizada, das precarizadas condições de trabalho, que foram agravadas pelo contexto da pandemia e que certamente serão exacerbadas na campanha de vacinação.

Alva Helena de Almeida, enfermeira

Ana Claudia Pastore, enfermeira da Atenção Básica

Cassia Baldini Soares, docente de enfermagem

Celia Maria Sivalli Campos, docente de enfermagem

Debora Del Guerra, enfermeira, assessora parlamentar - gabinetona/psol-muitas

Iara de Oliveira Lopes, enfermeira da Atenção Básica

Juliana Gonçalves Fidelis, enfermeira da Atenção Básica e Saúde Indígena

Karen Namie Sakata So, enfermeira e pesquisadora

Livia Bezerra Rodrigues, enfermeira atenção hospitalar

Lucas Modesto Pinheiro da Silva, graduando de enfermagem

Marina Peduzzi, docente de enfermagem

Natalia Caroline Peccin Gonçalves, enfermeira

Sheila Aparecida Ferreira Lachtim, docente de enfermagem

Vânia Ferreira Gomes Dias, enfermeira

Apoios de entidades

Associação Brasileira de Enfermagem - Aben/Nacional

Associação Brasileira de Enfermagem - Seção São Paulo

Apoios individuais

Heleno Rodrigues Corrêa Filho, epidemiologista, membro da diretoria executiva do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde - CEBES

Mauro Antonio Pires Dias da Silva, docente de enfermagem, Conselheiro Titular do COREN/SP

René Mendes - Pesquisador Colaborador do IEA/USP e Presidente da Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora - ABRASTT

Sylvia Maria Calipo, enfermeira aposentada. Mestra em Ciências

Vilanice Alves de Araújo Püschel, docente de Enfermagem

João Fernando Marcolan, docente de enfermagem

Marina Emiko Oshima Marcolan, enfermeira de Saúde Pública

Sérgio Roberto Holloway Escobar, Instituto Federal de São Paulo

Simone de Oliveira Camillo, docente de enfermagem